

APRESENTAÇÃO

Publica-se mais um número da *Revista Filosofando* e pergunta-se: afinal qual o papel da Filosofia? Desde que surgiu na Grécia Antiga, a Filosofia passou a se ocupar de questões as quais os mitos ou a religião não conseguiram mais responder. As interrogações do mundo passaram a ser interpretadas pela Filosofia, que se apoderou do *logos* – Filosofia é trabalhar (com) o pensamento. Atualmente, como aponta Steven Pinker (2002) em seu livro *The Blank Slate: the Modern Denial of Human Nature*, a Filosofia perdeu seu respeito, porque muitos cientistas a veem como uma especulação estéril ou mesmo uma ideia sonhadora.

Entretanto, eles não sabem ou fazem questão de não saber que, bem antes das Ciências, como se conhece hoje, terem demarcado seus terrenos, terrenos esses que as Ciências Humanas e as Sociais só conseguiram fundamentalmente demarcar no século XIX e início do século XX, a Filosofia se encarregou de ser o singular modelo de conhecimento no mundo durante muitos e muitos séculos. Trabalhos, como o do grande filósofo grego Aristóteles, aventuravam-se a explicar tudo de uma forma global e geral. Aliás, o próprio Aristóteles é conhecido no Ocidente por ser o sistematizador das grandes disciplinas, criador da lógica formal, das categorias dos discursos, as quais ainda estão vigentes nos estudos gramaticais e linguísticos atuais, dentre tantas outras contribuições importantes para as Ciências e, sem dúvida, para a própria Filosofia (cf. SHIELDS, 2015).

Ao se analisar a história da Filosofia, entende-se que, até a era clássica grega, as Ciências Naturais e a Filosofia não tinham uma demarcação muito clara de sua área de atuação, no tocante ao Mundo Ocidental. Conforme argumenta Lawrence Sklar (1992) em seu livro *Philosophy of Physics*, no início da Filosofia grega, tinha-se uma investigação da natureza que, hoje, corresponderia, conjuntamente, àquilo que se conhece por Filosofia (noções gerais mais vastas sobre a natureza do ser e como se pode acessá-lo cognitivamente) e por Ciências particulares (o acúmulo de fatos decorrentes da observação e a formulação, teoreticamente, de hipóteses genéricas para explicá-los).

Ainda como lembra Sklar, quando se analisa, atenciosamente, os poucos escritos que sobraram dos pré-socráticos, percebe-se que aquelas investigações eram tentativas engenhosas e importantes para aplicar o pensamento racional a questões metafísicas e epistemológicas amplas. Ademais, tratavam-se também dos primórdios das teorias físicas, embora admiravelmente imaginativas, acerca da natureza da matéria e de seus aspectos mutáveis. Já na clássica Filosofia grega, é razoável uma separação mais nítida entre a Filosofia e as Ciências Naturais. Aristóteles, por exemplo, nas suas obras metafísicas, realiza plenamente aquilo que hoje os filósofos fazem;

entretanto, encontra-se, nas suas obras de física, astronomia e biologia, o que se pode chamar de *métodos de investigação*, que hoje são práticas dos cientistas. No século XVII, sobretudo com as investidas de Galileu Galilei e René Descartes, o conhecimento se *especializou* e notou-se que com isso podia-se chegar mais próximo da verdade. Assim, a investigação geral, com a qual não se podia chegar à essência de nada ou explicar profundamente as questões, saiu de cena e entrou em seu lugar a *especialização* do conhecimento, que foi fragmentado surgindo os *especialistas*.

As Ciências particulares, como a Biologia, a Química e a Física, desde os tempos mais antigos, têm desenvolvido metodologias espetacularmente especializadas e individualizadas, que conseguem descrever e explicar os aspectos do mundo em que o homem vive. Consoante o avanço dessas ciências particulares, cogita-se imaginar se ainda haverá algo para os filósofos realizarem. Por um lado, é admissível asseverar que há certos aspectos que fogem, por enquanto, do intento das Ciências particulares, tais como a natureza de Deus, a questão do *ser em si* e tantas outras similaridades. Por outro, é crível sustentar que os filósofos podem recorrer a áreas remanescentes de investigação filosófica que podem se aproximar dos avanços mais sofisticados e recentes das Ciências Naturais.

Isso remete ao que Stephen Hawking (2010) pontuou em *The Grand Design*. Comentando questões do universo e da natureza da realidade, Hawking (2010) afirma que *traditionally these are questions for philosophy, but philosophy is dead. Philosophy has not kept up with modern developments in science, particularly physics. Scientists have become the bearers of the torch of discovery in our quest for knowledge*¹ (p. 5). A afirmação de Hawking, afirma De Haro (2013), leva a entender que há algo na Ciência que a Filosofia perde, uma vez que, se os filósofos não têm acompanhado os recentes avanços das Ciências (Naturais), eles afastam-se *da mais segura fonte de conhecimento e descoberta que se tem* (p. 3).

Evidentemente que o argumento da morte da Filosofia precisa ser reanalisado, porque ele é nocivo não apenas para a Filosofia, como para a Educação, a Sociedade e a própria Ciência. Há um paradoxo na afirmação resultante do fato de que, para afirmar que a Filosofia está morta, é necessário filosofar, isto é, mostrar argumentos lógicos que sustentem a afirmação. No caso de Hawking, há uma parcela de verdade quando ele afirma que *os cientistas (naturais) se tornaram os portadores da tocha da descoberta na busca do conhecimento*, mas para fazer isso, os cientistas devem *se tornar também* filósofos, como se torna o próprio Hawking ao afirmar a frase. Assim, as Ciências e a Filosofia precisam uma da outra – uma é útil a outra, conforme brevemente expõem os dois argumentos abaixo.

¹ Tradicionalmente essas são questões para a Filosofia, mas a Filosofia está morta. A Filosofia não tem acompanhado os recentes avanços das Ciências, particularmente na Física. Os cientistas se tornaram os portadores da tocha da descoberta na busca do conhecimento (tradução do autor). Indubitavelmente, *conhecimento* está relacionado com o conhecimento nas ciências naturais.

De um lado, se se compreende Ciência na perspectiva kuhniana², a Filosofia é importante para a Ciência à medida que as pressuposições filosóficas podem ajudar a quebrar velhos paradigmas e promover novas discussões para a transformação das teorias científicas, já que a Filosofia tem uma função crítica, ao, por exemplo, analisar a articulação de termos e as entidades epistêmicas e ontológicas ou como os termos se articulam ou são encontrados tanto nas Ciências Naturais quanto nas Ciências Sociais e Humanidades. De outro, o progresso que se conseguiu com a mecânica quântica, por exemplo, o entrelaçamento quântico, leva a repensar filosoficamente as questões ontológicas e epistêmicas a partir do ponto de vista do observador, entre outras questões. De acordo com De Haro (2013), esses progressos da Física levantam outras questões filosóficas complexas que, por sua vez, levam a surgir teorias que renovam a Física. A esses dois argumentos somam-se muitos outros, mas que por falta de espaço e tempo e temática fogem da discussão aqui.

Levanta-se agora o argumento do tecnicismo, que, no século XX, tomou conta das Ciências de uma forma geral. Na Física, segundo De Haro (2013), não se discutia mais as questões filosóficas que envolvem os conceitos e teorias físicas, entrando em um aspecto mais pragmático de aplicação, que acabou se distanciando, porque a técnica é mais importante do que os fundamentos. O que restou foram apenas as discussões éticas acerca das aplicações. Entretanto, parece haver um retorno dos físicos e dos cientistas, em geral, para discutir as Ciências Naturais, Exatas, Sociais e Humanidades de um ponto de vista filosófico, porque a história tem mostrado que a sinergia entre a Filosofia e as Ciências é saudável – a primeira está interessada em questões *por que* e as últimas em questões *como*, mas não somente – perguntas *por que* levam a inúmeras perguntas *como* e vice-versa. A separação parece desembocar em uma velha dicotomia entre *teoria* e *prática*, que já não faz mais sentido. As Ciências morrerão quando excluir a Filosofia, porque as Ciências precisam da Filosofia para que seus resultados, que são expressos em termos altamente técnicos, façam parte do conhecimento humano mais amplo. Nas Ciências Naturais, já se mostrou a importância da Filosofia de uma forma bem resumida. Mas, e para as Ciências Sociais e as Humanidades? Qual o papel da Filosofia? Com essas indagações, inicia-se a apresentação dos artigos que compõem este número.

O primeiro artigo *A Concepção Duhemiana de Ciência Experimental*, de autoria de **Juliana Barbosa Brito**, apresenta uma reflexão filosófica que tem como centro o filósofo francês Pierre Duhem. Como o próprio título sugere, o objetivo do texto é mostrar como Duhem concebe a ciência experimental, tocando em fatos específicos concernente a relação entre teoria e experiência. Assim, **Brito** argumenta que as teorias físicas não objetivam, na concepção duhemiana, mostrar a verdade do mundo, pois não buscam tratar da descoberta das

2 Para Kuhn (1962), o progresso da Ciência se dá na forma de revoluções e mudanças de paradigmas. Por paradigmas, Kuhn entende não somente as leis mecânicas e matemáticas ou um conjunto de equações e termos técnicos e procedimento, mas também formas de ver o mundo, práticas de instrumentação, tradições de pesquisa, valores e crenças compartilhados sobre quais questões podem ser consideradas científicas.

essências, mas conceber as leis experimentais por meio da matemática, que é responsável por estabelecer uma teoria. Destarte, a autora apresenta o que caracteriza a ciência experimental para Pierre Duhem.

No segundo artigo, intitulado *O Papel da Experiência na Teoria do Conhecimento de Leibniz*, escrito por *Fábio Pereira Barros* e *Jair Miranda de Paiva*, discute-se a forma como a experiência é importante para a teoria do conhecimento de Leibniz. Tomando como base o livro *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*, *Barros* e *Paiva* alegam que Leibniz defende a existência de representações na alma antes mesmo da experiência. Essas representações ou ideias estão *virtualmente* e são atualizadas por meio da reflexão e dos sentidos. Logo, tem-se um artigo que traz uma discussão importante de uma possível conciliação de duas posições vistas como antagônicas na filosofia: o empirismo e o racionalismo. Afinal, certas categorias de conhecimento são adquiridas pela experiência ou são inatas? Certamente, os autores apresentam que tanto a experiência quanto razão inata são importantes para adquirir o conhecimento.

Em seguida, *Hedgar Lopes Castro*, em seu artigo *Platão: A Dialética do Bem Versus o Caos da Realidade*, mostra, partindo da obra *A República*, de Platão, que há uma dialética filosófica no tocante à realidade. Segundo *Castro*, o método dialético inaugurado por Platão é filosófico e quer extinguir a falsidade e a ilusão da alma humana. Para fazer isso, segundo o autor, é necessário observar atentamente as analogias da ascendência hierárquica do conhecimento, conforme mostram os livros VI e VII de *A República*. O filósofo que quer governar a cidade deve ascender esses degraus, para que o caos não perturbe a ordem da *polis*.

No quarto artigo *A Lei Natural, o Direito de Propriedade e a Coexistência das Liberdades: Individualismo Moderno e Liberalismo Político no Contratualismo de Locke*, o autor *Luiz Carlos Mariano da Rosa* assinala que, partindo da ideia de Locke que vê a *observação dos fenômenos e as suas correlações*, é possível admitir um empirismo que desemboca em um racionalismo, restringindo o relativismo. Assim, mostra o autor que Locke defende, em sua teoria política, uma realidade histórica concreta, a qual se caracteriza como uma *perfeita igualdade e absoluta liberdade que impõe ao estado de natureza*. Assim, segundo o autor, o contrato como manutenção da sociedade política serve para garantir os direitos naturais.

O artigo seguinte de autoria de *Marcelo Meira Alves* tem como título *A Felicidade Como Fim Último da Moralidade Numa Perspectiva Kantiana* e objetiva discutir como os pressupostos do pensamento kantiano sobre a moralidade e como isso pode ajudar o homem a ter uma vida feliz e a viver em sua comunidade. Trazendo noções como o livre-arbítrio e a liberdade anterior, *Alves* traz uma importante discussão sobre a religião e como esta se relaciona com a razão e *a consciência de uma moral divina*.

No sexto artigo deste número, *Everton de Jesus Silva*, com seu texto *Os Fins da Educação em Paulo Freire e Kant*, conduz uma reflexão de como o pensamento de Immanuel

Kant e de Paulo Freire vê a educação. *Silva* tenta mostrar quais são as finalidades e qual a importância da educação para esses autores. Segundo o autor, tanto Kant quanto Paulo Freire atribuem à educação um fundamental valor na medida em que ela é substrato indispensável para a construção do homem. Assim, seguindo a linha argumentativa de Kant e Freire, defende *Silva* que o homem está em constante processo de criação, transformando-se firmemente. Logo, a educação é ferramenta ou meio para que o homem se construa, se desenvolva e consiga sua autonomia.

Em *A Obra Expansiva da Reforma Como Base do Processo de Secularização Segundo Charles Taylor*, *Joel Decothé Junior* revela uma discussão interessante sobre o significado da obra da Reforma para a filosofia de Charles Taylor. O autor traça uma linha argumentativa que aborda o trajeto do *si mesmo* e sua condição de porosidade e proteção. Ao fazer isso, o autor argumenta que houve um desencantamento e descrença de um mundo encantado da era medieval para o mundo fechado e naturalizado dos tempos modernos. Por fim, *Decothé Junior* afirma que é conveniente compreender esse processo dos problemas referentes a crença e descrença e qual o papel da religião nas democracias nas sociedades contemporâneas.

No oitavo artigo deste número, denominado *Racionalidade e Emancipação: uma Reflexão à Luz da Teoria Crítica Harbermasiana*, de autoria de *Sebastião Silva Soares* e *Roberta Gama Brito*, discute-se a racionalidade instrumental e a comunicativa na modernidade. Em um primeiro momento, os autores exibem as reflexões de Adorno e Horkheimer sobre a dominação do capital ante as relações humanas. Em seguida, *Soares* e *Brito* trazem as contribuições de Harbemas sobre a racionalidade comunicativa, que é necessária para a emancipação crítica da sociedade. Assim, os autores defendem que é indispensável pensar a superação da dimensão instrumental pela racional como projeto de emancipação crítica.

Seguindo os artigos deste número, traz-se o texto *O Florescimento da Subjetividade Contemporânea*, de *Ronie Aleksandro Teles da Silveira*. Neste artigo, o autor se utiliza do movimento *Ocupe Wall Street* e do site *WikiLeaks* para traçar algumas questões acerca da subjetividade contemporânea e o possível conflito que há na cultura democrática contemporânea. *Silveira* alega que o indivíduo na atualidade tende a ponderar as questões éticas não mais na esfera política, mas na individual e que, em breve, o embate para a consolidação da cultura democrática internacional se dará no ciberespaço.

Lucineide Santos Silva em *As Interfaces da Memória e Sua Materialidade Nas Relações Cotidianas* tem a memória como centro da discussão. A autora utiliza Halbwachs para justificar que a memória é coletiva, mesmo aquelas que são construídas no âmbito da subjetividade têm sua referência no social, no coletivo, nas crenças, linguagem, por exemplo. Para *Silva*, a memória se materializa tendo como ponto de partida a construção histórica dos grupos sociais. E o ato de lembrar não é linear, mas depende daquilo que se deve lembrar. Assim,

diz a autora que a memória acaba por legitimar um espaço de disputa de interesses. Seguindo a linha de Halbwachs, *Silva* mostra como exemplo o caso da França, como forma de dizer que *a nação é forma mais acabada de um grupo, resgatada na sua inteireza e tornada memória nacional*.

O último artigo deste número, escrito por *José Claudio Gomes Dantas* e intitulado de *Um Drama na Família: Um Olhar Crítico Para o Diálogo de Nonô e D. Senhorinha em Álbum de Família de Nelson Rodrigues*, expõe os múltiplos significados que uma obra de literatura pode apresentar. O autor lança mão de uma obra literária como objeto de estudo e não apenas isso: mas uma obra literária que foi proibida sua publicação por tratar de temas *escusos* à sociedade. No estudo em questão, *Dantas* discute a partir de Hegel o surgimento e a estrutura do drama e como ele se desenvolveu na literatura. O autor recorre também a Aristóteles, por meio de Brandão, para traçar algumas considerações sobre o drama. Ao analisar Álbum de Família, o autor do artigo argumenta que os fatos do passado reforçam os acontecimentos do presente, quando, por exemplo, D. Senhorinha se refere ao filho, Nonô. Assim, *Dantas* justifica que a literatura deve ser analisada e estudada e que não sirva apenas de objeto de prazer.

Na seção *Resenhas*, *Célia Maria Silva Souza Almeida* resenhou o livro de George Orwell, *A Revolução dos Bichos* e na seção *Poesia*, que dispensa apresentação, *Pablo Roberto Vieira Ferreira* traz uma coletânea de poemas.

Acaba-se por aqui a apresentação deste número. As implicações, os diálogos com os artigos, a resenha e com a poesia ficam, entretanto, abertos. Convida-se o leitor a ler e a refletir sobre as diversas temáticas aqui tratadas. E se a Filosofia não servir para nada, pelo menos ainda será, paradoxalmente, útil para, parafraseando De Haro (2013), dizer que ela própria não tem função alguma. Boa leitura.

JOÃO HENRIQUE SILVA-PINTO

Como citar este trabalho: SILVA-PINTO, J. H. Apresentação. *Filosofando: Revista Eletrônica de Filosofia da UESB*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 3-9, 2015.

REFERÊNCIAS

DE HARO, S. Science and Philosophy: A Love-Hate Relationship. Conference *Rethink Liberal Education* at Amsterdam University College, Amsterdam, 2013.

HAWKING, S. W.; MLODINOV, L. *The Grand Design*. New York: Bantam Books, 2010.

KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

PINKER, S. *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature*. New York: Viking, 2002.

SHIELDS, C. Aristotle. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2015. Disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/aristotle/>>. Acesso em 05 de Abril de 2016.

SKLAR, L. *Philosophy of Physics*. Oxford: Oxford University Press, 1992.